



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**MICHELE LOPES SOARES**

**O CORPO LITERÁRIO EM *FOGO NAS ENTRANHAS*,  
DE PEDRO ALMODÓVAR:  
UM PASSEIO ENTRE O EROTISMO E A PORNOGRAFIA.**

**SERRA TALHADA/PE  
2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**MICHELE LOPES SOARES**

**O CORPO LITERÁRIO EM *FOGO NAS ENTRANHAS*,  
DE PEDRO ALMODÓVAR:  
UM PASSEIO ENTRE O EROTISMO E A PORNOGRAFIA.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para conclusão do curso e obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Jean Paul d'Antony Costa Silva.

**SERRA TALHADA/PE  
2018**

Com base no disposto na **Lei Federal Nº 9.610**, de 19 de fevereiro de 1998 [...]. Autorizo para fins acadêmicos e científicos a UFRPE/UAST, a divulgação e reprodução TOTAL, desta monografia intitulada **O CORPO LITERÁRIO EM FOGO NAS ENTRANHAS, DE PEDRO ALMODÓVAR: UM PASSEIO ENTRE O EROTISMO E A PORNOGRAFIA.**, sem ressarcimento dos direitos autorais, da obra, a partir da data abaixo indicada ou até que a manifestação em sentido contrário de minha parte determine a cessação desta autorização.

---

Assinatura

---

Data

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

S676c Soares, Michele Lopes

O corpo literário em fogo nas entranhas, de Pedro Almodóvar: um passeio entre o erotismo e a pornografia / Alana Santos Pereira – Serra Talhada, 2018.

38 f.

Orientador: Jean Paul d'Antony Costa Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharel em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2018.

Inclui referências e apêndice.

**MICHELE LOPES SOARES**

**O CORPO LITERÁRIO EM FOGO NAS ENTRANHAS,  
DE PEDRO ALMODÓVAR:  
UM PASSEIO ENTRE O EROTISMO E A PORNOGRAFIA.**

Monografia apresentada e aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Jean Paul d'Antony Costa Silva (UFRPE/UAST)  
(Orientador/Presidente)

---

Profª Drª Lorena Lima de Moraes (UFRPE/UAST)  
(Examinadora 1)

---

Profª. Drª. Valquíria Maria Cavalcante de Moura (UFRPE/UAST)  
(Examinador 2)

Ao meu querido pai, *in memoriam*, que, com seus sábios conselhos e palavras, guiou meus passos até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelos livramentos nesses cinco anos de estrada, pela força, pelo foco e pela fé de ir até o fim do curso, sem desistências. Agradeço, sobretudo, a memória de meu pai, esse era um sonho nosso. Agradeço a minha mãe, pelo apoio que me dava quando era preciso. Agradeço muitíssimo a minha irmã, Cíntia, que como meu pai, sonhou junto comigo. Agradeço as minhas filhas, por terem suportado quando fui ausente. Agradeço a minha irmã, Cristiane. Ao pai de minhas filhas, Ildo, que foi fundamental nessa jornada ao cuidar delas pra que pudesse estudar. Aos amigos que fiz, meu muito obrigada por partilhar as experiências que tivemos. Muito obrigada a meus mestres, vocês me fizeram crescer. Um agradecimento especial ao meu orientador, Jean Paul d'Antony, pela orientação e apoio incondicional. Agradeço a UFRPE, por ter me dado todo suporte nessa caminhada. Enfim, cada um que fez parte dessa história, será para sempre lembrado. Esse TCC também é de vocês!

## RESUMO

Neste trabalho, interessa-nos investigar como o erotismo e a pornografia se apresentam na obra “*Fogo nas entranhas*” do escritor e cineasta espanhol, Pedro Almodóvar. Falamos do erotismo clássico e contemporâneo, suas várias nuances, e de, como, surgiu a pornografia que conhecemos hoje. Fizemos também, uma análise sobre os interditos e as transgressões das personagens da obra analisada, seus discursos antes e depois dos acontecimentos que causam o caos nas suas histórias. Podemos concluir, que o erotismo são os jogos envolvidos nele, e perceber como a imaginação e a criatividade tem papel fundamental no ato erótico. Mostramos como erotismo e pornografia influenciam e são influenciados pela sociedade.

**Palavras-chave:** erotismo; pornografia; interdito; transgressão; sociedade.

## ABSTRACT

In this work, we are interested in investigating how eroticism and pornography in a work "*Fire in the guts*" of Spanish writer and filmmaker, Pedro Almodóvar. Lack of classical and contemporary eroticism, its various nuances, and, how, a pornography we know today. We will also make an analysis of the interdicts and transgressions of the characters of the work in their stories. We can conclude that eroticism is the games involved in it, and realize how imagination and creativity play a key role in the erotic act. We show how eroticism and pornography influence and are influenced by society.

**Key-words:** eroticism; pornography; interdict; transgression; society.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>11</b>
<b>1 ENTRE O EROTISMO E A PORNOGRAFIA: NUANCES TEÓRICAS .....</b>	<b>11</b>
1.2 Interditos e Transgressões .....	18
<b>CAPÍTULO II .....</b>	<b>23</b>
<b>2 O EROTISMO E A PORNOGRAFIA SEM VÉUS .....</b>	<b>23</b>
2.1 Erotismo e Pornografia: Influências no Feminismo .....	26
2.2 Um Passeio Literário Nas Entradas da Obra Almodovariana .....	27
2.3 Prazer e Proibição.....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>38</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O sexo e o erotismo estão intimamente ligados a sociedade e a cultura que a consome. Muitas vezes subordinado à censura, e julgado como pecaminoso o erotismo, foi referenciado inúmeras vezes e com bastante frequência desde a idade média.

Nossa pesquisa pretende analisar na obra *“Fogos nas entranhas”* de Pedro Almodóvar, escritor e cineasta ímpar no cenário espanhol, essa edição da obra é do ano 2000, traduzida por Eric Nepomuceno e com um prefácio provocativo, escrito por Regina Casé. Nosso intuito é analisar como o erotismo e a pornografia se mostram e o quão é verossímil com a realidade, ao passo que, transgridem as regras impostas por uma sociedade historicamente patriarcal, machista, moralista e conservadora.

Os sentimentos mais obscuros do homem são tratados no cotidiano das personagens, o corpo, a sexualidade e suas possibilidades têm grande ênfase na obra, os conflitos morais são sustentados por uma série de princípios sociais e psicológicos que se cruzam na composição das personagens, tudo isso, intensificado por um desejo imensurável, doentio.

*“Em fogo nas entranhas”* (2000), vemos como as mulheres se afirmam como sujeitos da própria história, nesse romance, elas deixam o papel de passivas e evocam o papel de libertinas. Libertinas que afrontam outros libertinos, nessa história, o homem é para as mulheres, objeto de desejo, nada mais.

Procuramos também nessa pesquisa, mostrar o papel da pornografia na sociedade, alguns de seus conceitos e facetas, como ela é vista, aceita ou rejeitada como gênero literário e que, apesar da censura que ainda sofre, e da sua clandestinidade ao ser consumida, é desbravadora. O erotismo, bem como a pornografia, exerce verdadeiro fascínio, até nos mais conservadores dos homens. Ainda é vista como algo que se deve atribuir menor valor, contudo, não está mais à margem da sociedade e sim, intrinsecamente ligada ao seu cotidiano.

Nesse texto, fazemos um apanhado geral sobre a história do erotismo e da pornografia. Podemos afirmar que são dois conceitos atemporais, e acompanham a humanidade desde sempre. Tentamos destacar todas suas transformações, suas variantes e como a imaginação e criatividade são imprescindíveis na vivência de ambas.

*“Fogo nas entranhas”* (2000), é uma obra muito especial, nela podemos encontrar todas as vertentes que serão discutidas teoricamente, é uma leitura válida e é uma das obras percussoras e é referência para todas as outras obras de Pedro Almodóvar.

## CAPÍTULO I

### 1. Entre o Erotismo e a Pornografia: Nuances Teóricas

Diante de uma composição erótica, percebe-se que alguma coisa se apresenta fora dos padrões do que uma sociedade historicamente patriarcal, “cristã” e “moralista” determina. Vários são os sentimentos acionados ao estarmos frente a uma obra literária dessa natureza, somos perturbados ante os vários temas evocados, como animalidade, perda de si, prazer com dor. Segundo Bataille, “o erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente no ponto de que ele põe a vida interior em questão. O erotismo é na consciência do homem aquilo que nele, põe o ser em questão”. (1987, p. 21). Nesse sentido, vemos o homem numa contenda entre razão e instinto, questionando os limites da sua sexualidade, repensando as vicissitudes do seu comportamento ante as regras do corpo social a que faz parte.

O autor afirma que, a natureza sexual animal e humana, diferem em várias nuances pois, para o primeiro, o sexo é meramente biológico, afim de se reproduzir; para o segundo, essa atividade é transformada num jogo erótico. Os princípios essenciais para o homem concebem uma violência que dá ânimo as evoluções e só a ele, dá a noção da morte, fato inexistente, nos animais.

No prefácio de seu livro, “*O Erotismo*”, Bataille argumenta que

O espírito humano está exposto às mais surpreendentes injunções. Constantemente ele teme a si mesmo. Seus movimentos eróticos o apavoram [...] Entretanto, é possível procurar a coesão do espírito humano, cujas possibilidades vão da santa ao sensual.” (BATAILLE, 1987:7)

Dois elementos coexistem no erotismo: interdição e transgressão. Nestes movimentos dos interditos, o homem se separa do animal e, da sexualidade nasce o erotismo e, no movimento a parte, que é a transgressão, o homem, volta a se aproximar do animal. Segundo o autor, de forma geral, pode-se dizer que o erotismo, como sendo uma tendência para agir humana, em linhas gerais, essa capacidade é infração à regra dos interditos, mas “assim que ele comece onde termina o animal, a animalidade não deixa de ser seu fundamento” (BATAILLE, 1987)

A profunda inquietude que a morte causa ao homem, foi um dos gatilhos para a criação da arte, com a consciência da morte, inexistente nos animais, o homem está condenado a sofrer com questões sobre moralidade, suas relações com as outras pessoas e até, o significado da sua existência.

Em meio a todas essas questões que permeiam o mundo, vem à luz o êxtase e seus objetos. Podemos entender êxtase, eróticos e excessos como asserções da vida, todos criados a

partir da consciência, que o homem tem da morte. Erotismo e êxtase estão na mesma categoria, no que tange, atividades de livre gasto de energia.

No erotismo, o *eu*, tende a se perder e, segundo Bataille (1987), pode-se ver isso, como a fusão, a supressão dos limites. Assim, uma outra leitura pertinente acerca desse tema é a do autor Otávio Paz, de forma sucinta, ele elucida o conceito de erotismo e, segundo a sua percepção, o erotismo é a poesia do sexo embora as maneiras de relacionar-se sejam muitas, o ato sexual significa sempre a mesma coisa: reprodução. O erotismo é sexo em ação, mas, seja por desvia-la ou por sexual (Paz, 1994)

A manifestação erótica, portanto, se desvincula do ato sexual. Paz, diz, ele “é sexo e é outra coisa”, dessa forma, o erotismo é um conjunto inventivo e incessante de variantes, ao passo que o sexo nunca difere, sempre é mais do mesmo. A imaginação, o desejo, são figuras constantes no erotismo, a ambiguidade no que se refere a ele é palpável: é repressão e permissão, sublimação e perversão. Erotismo e sexualidade são metamorfoseados pela imaginação. Na passagem da obra que veremos, temos um exemplo claro dessas variantes, contudo, nesse mesmo trecho, podemos observar que o desejo, e a perversão são seguidos por um caso de abuso, nos parece um jogo de predador e presa:

O elevador chegou. Entraram. Roque partiu direto para o ataque oral.

\_Você é meu tipo!

Raimunda olhou, estranhando. Sem precisar da aprovação da moça, roque lançou-se sobre ela e encurralou-a numa esquina do elevador.

\_Você é o meu tipo! \_disse ele, e foi a única explicação para o ataque. [...]

Roque tornou a avançar. E Raimunda tornou a afastá-lo com um empurrão[...] E tornou a esbofeteá-lo. Só que, para Roque, aquela reação serviu para deixá-lo ainda mais excitado. (ALMODÓVAR, 2000, p.28)

Paz (1994), afirma que, a sexualidade também evoca dois sentimentos, erotismo (chama vermelha) e o amor (chama azul). A arte poética, foi por primazia a maneira de falar do amor, a chama azul. O autor ainda diz, sendo a sexualidade invariável (no sentido único de reprodução), no erotismo, acontece o contrário, ele toma várias formas e variantes. Posto que sexo é biologicamente da natureza do indivíduo, o erotismo agrega o sexo à sociedade. Deste modo, amor e erotismo estão ligados pela simbolização, linguagem e criatividade e é que acontece com uma das amantes de Ming, Lupe

[...] foi até o parque. Bastou por os pés na relva para sentir-se melhor. Era primavera. [...] Lupe embriagava-se com o cheiro da natureza. Numa esplanada sobre a grama, um grupo de hippies tocava violão e cantava[...] Palavras tão belas foram um bálsamo para a jovem. Ela aproximou-se do grupo. Tudo acontecia da maneira limpa e espontânea, sem necessidade de muitas palavras. Decoraram sua cabeça com flores. Um hippie beijou-a, outro também. Um terceiro deitou-se no chão, levantou sua sai e começou a lambar sua xoxota com grande naturalidade. Que havia beijado primeiro tirou o cacete e usou-o para acariciar os peitos dela.

\_você gosta do amor livre?  
 Lupe emitia gemidos entrecortados de prazer.  
 \_Acho... que ... gosto...  
 \_Vem com a gente pra Ibiza.  
 Lupe quase gritava de gozo.  
 \_Lá eu vou me realizar como mulher?  
 \_Vai. Lá, todo mundo se realiza. (ALMODÓVAR, 2000. p.33/34)

O erotismo, desde as suas várias formas de interditos e transgressões, até os objetos onde podemos encontrar as muitas faces que o erotismo toma, o encontro de Lupe, foi despudorado e sem reservas, quase como os homens de uma dezena de séculos atrás. O homem evoluiu, para suprir suas necessidades. Nada se sabe da sexualidade do homem em seus primórdios, para o autor, certamente, as interdições sexuais, não remontam à essa época, o que se pode afirmar, desse homem pré-histórico é que, ele enterrava seus mortos, criavam instrumentos de trabalho, tinham noção da morte e uma sexualidade limitada. O que sabemos, sobre erotismo, só veio à luz depois das primeiras civilizações organizadas.

Do homem paleolítico inferior e médio, é sabido que existiu por um período de milhares de anos e, sua evolução, partindo da premissa da animalidade inicial, só se deu após sua consciência que trabalho seria um meio de sobreviver, a compreensão da morte e "passando da sexualidade livre à sexualidade envergonhada de onde nasceu o erotismo" (BATAILLE, 1997). O homem que se assemelha a nós, existente nas pinturas rupestres (paleolítico superior), tem sua evolução pautada em um conjunto de mudanças, principalmente religiosas e que, sem sombra de dúvidas, o acompanha até hoje.

A sexualidade sempre esteve presente na história, e influencia a vida do homem do primeiro suspiro até o último. Contudo, foi negada durante muito tempo, principalmente, entre os povos que eram regidos pelas leis judaicas, hoje, conhecidos como cristãos ocidentais.

A cultura judaica, segundo Vainfas (1997) foi, a primeira a reprimir a sexualidade prazerosa. Essa repressão, principalmente sofrida por mulheres, vem de épocas remotas. Havia pequenas tribos, por exemplo, Israel. Essas tribos, muitas nômades, iam e vinham pelo Oriente Médio, algumas vezes, se estabeleciam em alguns lugares. A perpetuação da raça e diferenciação, eram muito incentivadas pelos judeus, deste modo, eles queriam estabelecer um sentimento de "nacionalidade". Outros povos que viviam naquela região, eram os cananeus, filisteus e etc., porém, diferente dos judaicos, aqueles, eram politeístas, ou seja, acreditavam em vários deuses e deusas sexuados.

A mitologia desses povos diz que, o universo, como conhecemos, teve sua origem da relação e união de dois deuses, na maioria das vezes, irmãos. O deus cristão, Javé, era tido

como assexuado, e o universo criado por ele foi feito a partir do nada, a velha história de Gênesis que conhecemos. Por conseguinte, podemos notar que, para os israelitas, essa divindade da sexualidade já não existe.

Tendo a necessidade de muitos soldados para expandir seus territórios, a mortalidade infantil passou a ser um problema. Para remediar a situação, todos foram instruídos a praticar o “sexo reprodução”, o “sexo-prazer” agora era considerado pecado e a falta de fertilidade das mulheres, uma grande maldição. A falta de filhos numa casa, era vista como uma ofensa a tribo e a religião. Era terminantemente proibido aos homens se masturbarem, e a homossexualidade destes, era abominável aos olhos de Javé. Para as mulheres, a homossexualidade era algo que não podia ser nem mencionado, tão terrível era esse crime.

Deste modo, sexo era obrigação, para o povo judeu e, não prazer. As mulheres seriam as reprodutoras, apesar de, nos períodos de menstruação, serem consideradas impuras, apenas, dias após o fim de seu ciclo menstrual, depois de rituais de purificação serem feitos, estavam, enfim, puras novamente e dignas para a reprodução.

A sexualidade, como sendo fonte de prazer, só era tolerável para os homens judeus. Sabe-se quão a cultura judaica era/é, machista, sexista e sexualmente repressora.

No cristianismo, nada mudou sob esses princípios. Nos primeiros séculos, como os israelitas, os cristãos era um povo minoritário, e como os que os antecederam, não mediam esforços para tornar seu povo único em meio as religiões existentes no Império Romano. No início, é sabido, que sacerdotes cristãos contraíam matrimônio e tinham, dentro dos casamentos, atividade sexual. Contudo, a partir de 1705, em meio a discussões que já aconteciam desde 314 d.C., o Papa Gregório VII, determinou que os sacerdotes católicos fossem celibatários, proibindo assim, o matrimônio.

Desta maneira, as igrejas cristãs, principalmente a Católica, levam adiante o legado de repressão sexual criado pelos judeus. Não obstante, não há nas passagens que citam Jesus, nenhuma menção, a repressão por conta da sexualidade, pelo contrário, as palavras ditas por ele, em casos, por exemplo, como da mulher adúltera (João, 8:7), dão conta da tolerância e compreensão das fraquezas humanas. Assim, percebemos a disparidade dos discursos de Jesus e dos seus seguidores mais conservadores.

Resumidamente, podemos afirmar que, a visão excessivamente repressora que temos acerca da sexualidade, foi herdada por nós da cultura judaica, sendo as mulheres, as mais, demasiadamente, marcadas.

Numa linha distinta, estão os greco-romanos, mais liberais, ao menos com os homens, estes, idealizavam o prazer para suas vidas. Seus desejos eram saciados com prostitutas e até

mesmo em relações homossexuais. As esposas gregas, como as israelitas, eram destinadas a vida doméstica, e a tarefa de administrar o lar e cuidar dos filhos, eram delas. Os homens cultuavam o hedonismo, tinham suas vidas pautadas na busca incessante pelo prazer como bem supremo, a cultura grega, como a israelita era, machista e, do ponto de vista feminino, era também, repressora.

Enfim, essa cultura patriarcal a que estamos expostos hoje, tem, no mínimo 6 mil anos de história, e esse machismo que conhecemos, pode datar da época em que, o homem, se viu, como instrumento necessário para a reprodução. Esse modo de fazer valer o poder masculino, fincou raízes na sociedade, e hoje, mesmo com toda luta para mudarmos esse quadro, o machismo ainda se faz muito presente.

Com o passar das décadas, a sociedade tem se mostrado mais liberal, mas, o erotismo, ainda é tabu. A liberdade sexual é vista com maus olhos. A sexualidade na infância é intratável, na adolescência é vista como libertinagem/rebeldia e, na terceira idade é como se não existisse. Só, a partir do século XIX, depois dos estudos de Freud, pudemos atinar que, a sexualidade é um fato incontestável e se apresenta em todo ciclo de vida humana, ainda que, de formas variadas.

Esse breve apanhado da história, foi necessário para que possamos entender, essa vertente repressora criada para sexualidade, desde o início do cristianismo. Para Foucault, filósofo francês, essas problematizações criadas em torno da sexualidade, nada mais são que, discursos moralistas moldados a partir dos ideais criados pelo cristianismo, nele, o sexo por prazer era mal, enquanto que, o sexo feito sob as leis de Deus, para procriação, era o correto.

Ainda seguindo os estudos de Foucault, ele afirma, em seus textos que, esses aparelhos repressores do estado, como: igreja, escola, família. Reforçaram discursos moralistas, no sentido de difundir a ideia de que, as práticas sexuais são imorais e sujas. O filósofo ainda nos mostra que

A história da sexualidade se estrutura em torno de um sistema de regras que define o permitido e o proibido, o prescrito e o ilícito. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldades, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1985, p.101)

Segundo o Foucault família é quem mais exerce controle, a vigília e repressão diante de questões sexuais, na verdade acionam, nos indivíduos, mecanismos de buscas de prazer e poder. Para ele, a sociedade capitalista faz ponte entre prazer e poder. O corpo da mulher visto

como mistério, e o do homem como virilidade, mostra o primeiro, a feminilidade, a muitos séculos visto como enigma, enquanto que o segundo, a masculinidade, era mais definida.

Focault defende que não se nasce mulher ou homem, mas sim, a partir das vivências e particularidades de cada um, o ser humano torna-se homem ou mulher, então, essa condição, homem e mulher, não são os enigmas que interessam, e, sim, a diferença sexual. No século XVIII, as diferenças entre homem e mulher foram mais delimitadas e esclarecidas.

A mulher sedutora foi-se perdendo na figura da mulher mãe, da figura maternal da família, uma, não poderia coexistir dentro da outra, eram figuras opostas. Nesse mesmo século, a figura da mulher mãe, perdia a feminilidade para ser compatível com a da esposa do lar, recatada e fiel. Manter essa feminilidade e sensualidade, eram premissas para os julgamentos maldosos da sociedade, sua conduta era posta em voga, podendo ser vista até, como uma mulher de vida fácil. A exemplo, dessa mulher mãe, temos na obra analisada, Eulália, esposa de Roque que sentia-se uma “sofredora impenitente” e “fazia um esforço danado para que todos os problemas do universo fossem seus”, Eulália já sentia-se “entregue de corpo e alma à crise provocada pelo fato de ter cumprido 43 anos”, não sentia-se mais uma mulher desejável e sempre repelia as investidas do marido dizendo:

\_Prefiro encarar a realidade. Não quero ficar feito a Isidra. Estou velha. É natural: não tenho mais 20 anos. O que dói é ver você, só por piedade, querer me convencer do contrário. (ALMODÓVAR, 2000, p.20)

Essa mulher, de vida fácil, a prostituta, era proibida de estar no âmbito familiar, seu papel principal era, dar seu corpo para o gozo do homem, o gozo que não o era dado pela esposa, pois à ela, a esposa, cabia procriar. Os papéis da esposa e da prostituta eram bem definidos na sociedade. Como já foi citado anteriormente, a mulher não pode ser esposa e amante ao mesmo tempo pois, as regras da sociedade, a repressão histórica que existe reforça, a ideia do discurso que aponta o que é e o que não é decente.

Focault, refuta esse modelo de repressão, como um sistema. Ele defende que esse discurso teve sim, uma certa valorização da ideal de decência defendido pela sociedade, contudo, os responsáveis pela disseminação do mesmo, foram os aparelhos detém o poder, como, por exemplo, a família, e para ele, é a família que exerce, principalmente, a função de limitar e censurar a sexualidade do seu grupo. O que não se nega, em nenhuma dessas vertentes, é a repressão sofrida pelas mulheres com o passar dos tempos. O filósofo afirma ainda que “em torno do sexo, se construiu estratégias de poder, entre elas a misterização do corpo da mulher”. Ainda, segundo Foucault

A questão colocada era a do comércio permitido ou proibido (adultério, relação fora do casamento, relação com pessoa interdita pelo sangue, ou a condição, o caráter legítimo ou não do ato da conjugação; depois pouco a pouco, com a nova pastoral e sua aplicação nos seminários, colégios, conventos, passou-se de uma problemática da relação para uma problemática da carne, isto é, do corpo, da sensação, da natureza do prazer, dos movimentos mais secretos da concupiscência, das formas sutis da deleitação e do consentimento. A sexualidade estava brotando, nascendo de uma técnica de poder que, originariamente, estivera na aliança. (FOCAULT, 2003, p.102)

Ainda no que tange a mulher, é sobre ela que esse poder é maior exercido. Não tendo vez ou voz na comunidade que está inserida, fica bitolada a cuidar da casa e dos filhos, longe de qualquer aprendizado político e dessa forma

A aparecem, então, estas personagens novas: a mulher nervosa, a esposa frígida, a mãe indiferente ou assediada por obsessões homicidas, o marido impotente, sádico, perverso, a moça histérica ou neurastênica, a criança precoce e já esgotada, o jovem homossexual que recusa o casamento ou menospreza sua própria mulher. São figuras mistas da aliança desviada e da sexualidade anormal: transferem a perturbação da segunda para a ordem da primeira; dão oportunidade para que o sistema da aliança faça valer seus direitos na ordem da sexualidade. Nasce, então, uma demanda incessante a partir da família; de que ajuda a resolver tais interferências entre a sexualidade e a aliança. (FOCAULT. 2003 p. 104/105)

Veremos muitas dessas personagens, mais à frente, na análise que faremos do livro *“Fogo nas Entranhas”* do escritor e cineasta espanhol, Pedro Almodóvar. As personagens femininas da obra citada, carregam em si várias das questões citadas por Foucault, sobre essa aliança criada para garantir que os interditos sejam mantidos. E é, o erotismo, quem surge para dar voz e visão a esses movimentos enraizados, mas, que estão à margem da sociedade. Para Paz (2001) “o propósito do erotismo e da poesia é que o primeiro é uma metáfora da sexualidade, a segunda uma erotização da linguagem”.

Partindo das questões abordadas sobre o início do que foi documentado sobre o movimento erótico e alguns contextos históricos postos aqui, do erotismo, Bataille, em linhas gerais, diz que, Religião é Lei, Erotismo é violação. Não se pode falar do segundo, sem citar do primeiro e vice-versa. Segundo o autor

Em se tratando de erotismo (ou geralmente de religião), a sua experiência interior lúcida era impossível num tempo em que não aparecia às claras o jogo de balança do interdito e da transgressão que ordena a possibilidade de um e de outro. Não basta saber que existe esse jogo. O conhecimento do erotismo, ou da religião, exige uma experiência pessoal, igual e contraditória, do interdito e da transgressão. (BATAILLE, 1997, p. 24)

O erotismo, para religião é, "uma coisa, um objeto monstruoso".

Tudo vai bem se o erotismo é condenado, se antecipadamente nos é rejeitado, se nos libertamos dele, mas se (como ela o faz frequentemente) a ciência condena a religião (a religião moral) que se revela, nesse ponto, ser o fundamento da ciência, deixamos de nos opor legitimamente ao erotismo. Não nos opondo mais a ele, devemos deixar de fazer dele uma coisa, um objeto exterior a nós. Devemos encará-lo como um movimento do ser em nós mesmos. (BATAILLE, 1997, p.35)

## 1.2 Interditos e Transgressões

Por interdito, entendemos que é, um rito negativo pelo qual alguém deve abster de um ato por força de razões religiosas, lançar o interdito sobre algo como, o erotismo, por exemplo, é proibir de maneira absoluta (no sentido próprio ou figurado), assim, o erotismo o é, um ato libertino, que ainda nos dias atuais é visto como tabu. A palavra transgressão, citada também em nossa pesquisa, deve ser entendida como violação de uma lei, ou no caso do erotismo, uma violação aos "bons costumes" defendidos pela sociedade, esta, influenciada pela religião.

Mesmo sabendo desses conceitos, "é difícil dizer se o interdito tem todo poder de ação. Ele fez antecipadamente o papel de ciência: colocava seu objeto a distância, que ele proibía, de nossa consciência[...] o movimento de medo cuja consequência era o interdito." (BATAILLE,1997). Sem essa consciência do interdito, o homem não teria a clareza sobre seus movimentos/impulsos sexuais violentos e isso. O homem, movidos por seus impulsos, por sua angústia, tende a transgredir os interditos. Se pararmos para analisar o interdito, e nos submetemos a ele não teremos mais noção do que ele é e/ou significa.

A transgressão dos interditos é, uma prática humana, temos de assimilar que os interditos não são estabelecidos exteriormente, e esse falso sentimento de imposição nos protege quando, transgredimos as leis postas por eles e somos assolados pela angústia ao cedermos ao que ele (o interdito) se opunha. E essa angustia, acionada pela transgressão é, a nossa experiência do pecado. Quem prova dessa angústia e nela sente prazer, nada tem de doentio, tais sentimentos não se limitam "a experiência interior do homem é dada no instante em que, rompendo a crisálida, ele tem consciência de se rasgar a si mesmo e não a resistência colocada de fora" (BATAILLE,1997). Essa quebra de barreiras está ligada a uma drástica mudança. Essa transgressão, essa liberdade, erótica, de que queremos falar, é um impulso imediato, que poderia, por exemplo, atrapalhar o trabalho do homem, pois dele, provém, os meios de sobrevivência. Essa quebra do poder do masculino, está bem representada em "Fogo nas entranhas", observamos Roque, marido de Eulália, sair da posição de macho predador,

para a fragilidade de uma presa, no momento em que fica doente e a mercê de uma esposa vingativa:

-Em casa você vai ficar mais seguro. Ou será que está com medo de sentir falta das enfermeiras?...  
 \_Eulália, faça-me o favor. Espere pelo menos que eu melhore um pouco, para começar a discutir.  
 [...] Esta noite darei uma festa- anunciou a mulher.  
 \_como? \_ Roque não estava acreditando. Achou que era brincadeira. [...] Era uma vingança. Roque já não tinha mais dúvida. (ALMODÓVAR, 2000, P.105/106)

Eulália já não é mais a mulher introspectiva de outrora, em meio ao caos instalado em Madri, aos abusos do marido, ela agora se permite, faz novas amizades, seus diálogos com Raimunda, faz o leitor compreender um pouco mais sobre a sua personagem. Numa passagem do capítulo “Eulália e Raimunda ficam amigas” observamos essa transição.

As duas mulheres, sem perceber, começaram a simpatizar uma com a outra. Raimunda contou tudo sobre Júlio, contou do seu passado com Ming, a história do enterro, das amantes, etc.

\_Eu gostaria de conhecê-las\_ manifestou Eulália, referindo-se às amantes de Ming.  
 \_Moram lá na fábrica.  
 \_Eu adoraria ter ido a esse enterro. Que imagem tão sugestiva!  
 E começou a falar dela mesma, de suas antigas crises, de seu tédio imenso. Contou que há muito tempo não sentia nada por Roque, a não ser que lhe pertencia. Para não demonstrar nada, refugiava-se nas depressões. Não amava Roque, mas estava enlouquecida e obcecada com a possibilidade de que lhe metesse um par de chifres.  
 \_Eu me aborreci tanto!  
 \_Invente coisas, imaginação é o melhor antídoto contra o tédio\_ aconselhou Raimunda.  
 \_E como é que se consegue ter imaginação?  
 \_AH, menina, sei lá. Deixe-se levar por tudo que você imaginar... (ALMODÓVAR, 2000, p.90/91)

“*Fogo nas entranhas*” é, como muitas uma representação do erótico, e essas representações pela arte foi uma das primeiras formas de registrar o ato sexual de uma forma erótica. Essa liberdade sexual, foi, desde o início podada. Segundo o autor “o homem é um animal que permanece “interdito” diante da morte e da união sexual. Ele não o é inteiramente, mas num e noutro caso sua reação difere da dos outros animais.” (BATAILLE, 1997). Essa condição limitada do homem, no que tange a sexualidade, varia de acordo as épocas e lugares. Há etnias, que, esconder suas “vergonhas” não é uma necessidade, contudo, o órgão sexual masculino ereto, ainda hoje é tabu. E a união carnal de, homem e mulher é feito no isolamento.

A religião lança os interditos, o homem o transgride, o autor afirma que “o interdito que se opõe em nós à liberdade sexual é geral, universal; os interditos particulares são os seus aspectos variáveis” (BATAILLE, 1997) e reforça seu pensamento quando afirma que “o interdito informe e universal’ [...] é sempre o mesmo. Como sua forma, seu objeto muda: mas, quer se tratar da sexualidade ou da morte, o que é sempre visado é a violência, a violência que assume e que fascina” (BATAILLE, 1997).

O erotismo, visto como profano, foi alvo de uma radical condenação. O erotismo, era/é para a “família tradicional”, uma quebra das regras da moral (principalmente religiosa), as “mulheres de vida livre” eram/são excluídas da família, condenadas a viver à margem da sociedade. Sexo, fora do casamento, sempre foi/é uma transgressão a qual a igreja sempre se opôs e, onde o erotismo se transfigurou em pecado. Para o autor “O sentido ultimo do erotismo é a fusão, a supressão do limite. Em seu primeiro movimento, ele pode ser definido pela existência de um objeto de desejo” (Bataille, 1997) e para transformar o erotismo em transgressão “o cristianismo elaborou um mundo sagrado, donde estão excluídos os aspectos horrendos e impuros” (Bataille, 1997).

O erotismo é tido como proibido e, quanto mais proibido, maior a volúpia vinda dele. Esse é, um assunto delicado de ser tratado, por motivos que não são apenas sociais, ele está na grade das coisas secretas, que não podem ser explícitas. Para o autor, “a experiência erótica se situa fora da vida ordinária”, contudo, não é um assunto proibido, mas sim, rodeado de censura. Podemos dizer, que o erotismo é, uma emoção, genuinamente humano.

Na sociedade atual, com um lado narcisista a florado e, extremamente consumista, esse relacionamento entre erotismo e sociedade pode ser tratado de ângulos variados. Sennett, sociólogo, historiador norte americano e romancista, afirma que nossa sociedade, dificulta as atividades eróticas que considerem o sujeito como criativo.

O fato do corpo ser um templo à ser cultuado de formas totalmente narcisistas é para Sennet (1988), uma forma de tornar a sexualidade uma virtude pessoal, pois, para ele

nas últimas quatro gerações, o amor físico vem sendo redefinido, passando dos termos do erotismo para os termos da sexualidade. O erotismo vitoriano envolvia relacionamentos sociais, enquanto a sexualidade envolve identidade pessoal. O erotismo significava a expressão sexual transpirada por meio de ações- de escolha, repressão, interação. A sexualidade não é uma ação, mas um estado no qual o ato físico do amor decorre quase como uma consequência passiva, como um resultado natural do sentimento de intimidade entre duas pessoas. (SENNETT, 1988 p. 19)

Vendo a sexualidade como uma condição expressiva, pode-se afirmar que todos nossos experimentos tocam necessariamente a nossa sexualidade, visto que, esse narcisismo

no culto do indivíduo ao corpo, vem empobrecendo o erotismo, essa atividade faz com que a imaginação em seu sentido metafórico, perca a sua essência, o erotismo passa à ser meramente sexualidade e isso “ é um sinal das destrutividade desencadeada quando uma sociedade nega até mesmo a Eros uma dimensão pública” (SENNETT, 1988)

O autor sugere que houve um fim da cultura para todos e agora, os indivíduos estão voltados, como nunca, para si mesmos, ele deixa claro que esse movimento do *eu*

é despojado da expressão de certos poderes criativos que todos os seres humanos possuem potencialmente - poderes de jogo - mas que requerem um ambiente à distância do eu para sua realização. Assim a sociedade intimista faz do indivíduo um ator privado de sua arte” (SENNETT, 1988, p.323)

Nessa evolução da sociedade vimos, o erotismo, se transformar, paulatinamente em pornografia. Essa pornografia faz parte da indústria que é consumida em vários modos, principalmente, na literatura. É sabido que, mesmo com a evolução dos tempos, a pornografia ainda é um produto que sofre o crivo moralista da sociedade, seu consumo ainda feito nos bastidores, contudo, não se pode negar o poder de atração que a literatura erótica ou pornográfica tem.

Como já foi citado aqui, o erotismo veio à luz, a partir de criações artísticas, como: poemas, contos, romances etc. Na vida moderna, esse erotismo é expresso em várias formas e assume várias nuances. Esse discurso erótico contemporâneo, tem sido, libertador.

Sobre texto erótico, apoiaremos nossa pesquisa nas concepções de Barthes. Analisar o erotismo é algo complicado e complexo pois, ao falar dessa questão, não estamos falando apenas do ato sexual, contudo, desligar o erotismo da sexualidade é uma tarefa quase impossível. Os estudiosos contemporâneos têm mostrado uma gama de possibilidades que levam o erotismo para além da simples relação sexual.

No que tange a literatura erótica, para Barthes (1987), essa fruição do texto se dá no usufruto do interdito, para ele o

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável de leitura. O texto de fruição: aquele que põe em estado de pedra, aquele, que desconforta, faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrarem crise sua relação com a linguagem. (BARTHES, 1987, p. 22)

Para Bataille, o erotismo, é o poder da transgressão sobre o interdito é uma experiência que leva ao limite, ao máximo que se pode, afirmando o ser limitado, sem estabelecer oposições de valor, sem separar em termos de negativo e positivo. Essa concepção de limite e de transgressão, são empregados pelo autor no sentido de pensar o erotismo como uma efusão e ápice da vida.

Em conformidade com Bataille, em seu livro “*O Erotismo*” (1987), observamos que o erotismo, em todas as instâncias da vida do homem, é o mais misterioso, por se movimentar em torno da vida e da morte. Dessa forma, ele está arraigado a natureza do homem, sendo a barreira entre natural e social e humano e animal. O filósofo afirma que, o erotismo é, a atividade que permite ao ser humano, perder-se em si, ir para além de si e vencer a descontinuidade a que está sujeito. O autor ainda afirma que é, através do erotismo que o homem se põe em questão e é capaz de viver um momento interior pessoal.

É transgredindo os limites necessários à sua conservação como ser finito, conservação que tem o fim negativo de evitar a morte que o homem se afirma, querendo ir o mais longe possível, aumentando sua intensidade, o único valor positivo para além do bem e do mal [...] a transgressão a violação da lei é uma desordem organizada, regularizada, no excesso erótico nós veneramos a regra que transgredimos. (BATAILLE, 1987, p.59)

Percebemos na leitura, por exemplo, da segunda parte do livro “*O Erotismo*”, de Bataille, sobre a escrita de Sade, como homem e autor transgressor de sua época, que somente por meio da literatura, o erotismo, como afirma o autor, é capaz de se pôr no limite do que é possível.

Apesar das negativas de Sennett sobre a falta de criatividade e a perda de essência do erotismo por conta da aculturação da sociedade, podemos afirmar que essa opinião não deve ser generalizada e que, há sim, obras que transcendem a pornografia e passam mensagens de libertação do corpo. Em Pedro Almodóvar temos um exemplo, em meios a vários autores, de como colocar no mercado, obras literárias e pornográficas que são consumidas livremente.

## CAPÍTULO II

### 2 O EROTISMO E A PORNOGRAFIA SEM VÉUS

Apesar de transpor o véu dos bastidores e ir à luz, explicitamente, a pornografia ainda é um gênero literário marginalizado, contestado em sua qualidade, visto como uma literatura de valor inferior. Porém, é considerada também, instigante e desbravadora. Dessa forma, a pornografia, cria do erotismo, tenta quebrar tabus e ser aceita por todos e em todos os espaços. A pornografia e o erotismo se encontram na mesma encruzilhada, para entendermos melhor, vamos falar um pouco do conceito de pornografia, de como e quando deu seus primeiros sinais.

A palavra pornografia vem do grego *pornographos*, que significa “escritos sobre prostitutas”, ela se refere a como eram descritas as prostitutas, seus costumes e dos seus clientes. A palavra faz alusão ao “comércio sexual”. No dicionário, pornografia é indicada como assuntos obscenos artísticos devassos e libertinos. Essa expressão surgiu a partir da denominação erótico, ainda no século XX. A palavra é proveniente de Eros, deus do desejo e do amor. Para Freud, esse ímpeto erótico revela “o desejo do homem de união com os objetos do mundo”.

Um tema é recorrente, tanto no erotismo, quando na pornografia: o segredo. Deste modo, ambos são vistos como uma iminente revelação. A verdade de prazer proveniente do mistério é imprecisa, ele pode ou não, pelo prazer, ser desvendado. Ambos conceitos, estão fundidos no outro. Eles fazem referência a sexualidade e aos interditos impostos pela sociedade e é, pela transgressão que se manifestam. Esses desejos prevalecem em meio as proibições. Separar prazer, interdição e transgressão é historicamente impossível, esses movimentos coexistem e incitam uns aos outros, os contrastes e ambiguidades dessa esfera de ação estão sempre presentes ao abordar e definir conceitos inerentes à sexualidade e das várias formas que ela se representa.

Se há limites nesses movimentos, eles operam veladamente pois, a natureza e o funcionamento de suas mensagens são vagas. A pornografia e o erotismo são “figuras do intolerável”, estão no terreno do que é admissível e inadmissível. Para Robbe-Grillet “a pornografia é o erotismo dos outros”

Essencialmente, é a sexualidade, a característica comum de erotismo e pornografia. No erotismo, uma de suas várias faces, é brecha para o sentimento amoroso, contudo, esse sentimento é como se fosse necessário nas urgências que suscitam o movimento erótico, nas suas extremas experimentações. Já, a pornografia, pressupõe o desejo de excitar as fantasias

sexuais, as vontades dos seus consumidores, sua mensagem tem de ser diretamente direcionada à libido, talvez, por esse motivo, seus produtos sejam considerados despidorados e obscenos. Por obsceno, no sentido da sexualidade, entendemos como, sendo vulgar, falta de decoro, essa falta de decoro, essa vulgaridade tem papel fundamental da obra de Amodóvar. A total falta de vergonha por parte das mulheres, escandaliza, seus comportamentos animalescos, são vistos como loucura.

Esse conceito de obscenidade é de fundamental importância para permear algumas discussões que teremos mais a frente, na análise da obra *“Fogo nas entranhas”* (2000), de Almodóvar. Para Havelock Ellis, médico, psicólogo britânico e estudioso da sexualidade humana, em seu livro *“Sex in Relation to Society”* (*“Sexo em relação a sociedade”*)(1910), o conceito de obsceno é uma corruptela do vocabulário *scena*, significando, literalmente a expressão “fora de cena”, isto é, aquilo que, na vida, na rotina do dia a dia, não se apresenta normalmente. Aquilo que não se esconde. Em contrapartida do que disse Havelock Ellis sobre o conceito de obsceno, no Novo Dicionário Aurélio, obsceno é “o que fere o pudor, impuro, desonesto” aquilo que “diz-se que quem profere ou escreve obscenidades”, ou seja, nesse conceito, ao invés de se fazer nos bastidores, o obsceno se coloca em cena, nela, o que deveria estar fora, ao cometer uma obscenidade, está dentro de cena, a transgride.

Jean Baudrillard, (ABREU, 1996) afirma que, a obscenidade, sem uso de imaginação e metáfora, é um esforço grosseiro da sedução. Comportando-se assim, como uma prenda vulgar e sentimental, pretendendo ser, dessa forma, a verdade material das coisas, fugindo da complexidade e do respeito necessário das sutilezas. Dessa forma vemos, um jogo, onde a obscenidade, uma efusão de provocações, tenta seduzir quem quer ser seduzido e desvendar seus segredos. Vendo por esse lado, a pornografia é, essencialmente, obscena, ao passo que leva consigo, todas essas singularidades. Ela transgride as representações, põe em cena, com a maior visibilidade possível tudo aquilo que puder achar. Deste modo, a pornografia, é o veículo do obsceno, mostra o que teria de estar oculto pelos interditos.

A pornografia, como o erotismo, é um movimento antigo, como no erotismo, suas primeiras expressões foram na arte: pinturas, esculturas, tendo como base para pornografia, esses registros, estão em tudo que é possível. Em todas as sociedades que temos conhecimento, há descrições e imagens sexuais, essa pornografia histórica serviu para justificar muitos atos, tanto políticos, como sociais. Esse movimento pornográfico (ainda não denominado dessa forma) era feito em rituais, em procedimentos médicos, artísticos e também, como uma forma de despertar o prazer. Porém, no que tange a literatura, a

pornografia, tanto nas épocas passadas, como a pouco tempo atrás, não era vista como um gênero.

A arte, mesmo antes, não se privou de mostrar cenas de sexo explícito, órgãos sexuais, porém, a pornografia como um tema, parece ser, cronologicamente e, geograficamente, ocidental. Nas passagens do século XVIII para o século XIX, somente aí, a pornografia foi vista, como essa noção moderna que temos dela. Essa concepção que temos hoje, foi historicamente definida, contudo, ao ser vista como um gênero, os conflitos e mudanças sempre estiveram (e estão) a sua porta. Walter Kendrik, em sua obra “O museu secreto” ele diz que

A “pornografia” especifica um argumento, não uma coisa, e designa uma zona de batalha cultural. A obscenidade existiu justamente como distinção entre o comportamento privado e o público. Mas, aproximadamente em meados do século XIX o equilíbrio entre obscenidade e decência, privado e público foi abalado, e a pornografia emergiu então, como preocupação governamental distinta. (KENDRIK HUNT, 1999, p.13)

Com a modernidade, no ocidente, a pornografia ganha outras instâncias na literatura e na arte visual, esse processo, teve seus melhores momentos em movimentos como a Revolução Francesa, Renascimento, Iluminismo e Revolução Científica. Seus principais precursores tanto na literatura como gravadores pornográficos, eram autores tidos como libertinos, hereges e livres pensadores, estes, estavam a margem do que era considerado cânone. A obra “*Fogo nas Entranhas*” (2000) foi concebida em meio a ditadura de Francisco Franco, e tem o tema sexualidade abordada de uma forma muito aberta.

Foi, a partir da cultura impressa, com obras escritas e ilustradas e, com a possibilidade do acesso das massas que, a pornografia passou a ser um gênero representável. Contudo, com a promiscuidade de algumas produções, veio a censura, as classificações, as catalogações, tudo, para impor barreiras e novamente, breca o consumo desta categoria normatizada, agora vista, como ameaça de se tornar igual, num processo de democratização da cultura.

No século XIX, com o capitalismo, surge a necessidade do controle das massas, para a garantia do trabalho. Se outrora, no século XVIII, as práticas da sexualidade eram mais livres, com códigos menos rígidos acerca das suas práticas e de seu consumo, com o capitalismo, tudo mudou. Vieram as proibições, as censuras, a necessidade de mascarar tais práticas. A ideologia do poder, para o controle, foi bastante efetivo em restringir a sexualidade e suas representações. A partir dos anos 60/70, houve a revolução sexual no ocidente, nesse período, a pornografia tomou mais visibilidade, e em nome dessa revolução, as pessoas a usaram no intuito de ter mais liberdade sexual e em compensação, terem mais felicidade e tranquilidade, esse frenesi erótico, ainda hoje, ocupa a mente das pessoas.

É no estudo da psicanálise, que a partir do século XX, a indústria pornográfica toma corpo em todo o mundo, tornando a vida social erotizada, sendo base de pesquisas e estudos comportamentais e de vertentes como a feminista e LGBT. Com todos os produtos pornográficos no mercado, com as revoluções estudantis batendo a porta, a política e a sexualidade estavam, como nunca, muito próximas, após os anos setenta, muitos questionamentos acerca da liberdade sexual, do livre arbítrio e da quebra da censura surgiram. A indústria sexual era cada vez mais consumida e a pornografia passou a ser delimitada, ao passo que, com todos esses movimentos revolucionários, delimitá-la era, dificultoso.

No que tange a obra pornográfica, é sabido que, a experiência pessoal, as interdições de cada indivíduo, sua imaginação acerca do tema, são fatores que nortearão seus julgamentos, do que, mesmo vendo algo com teor pornográfico, tenha discernimento, para julgar o que é, ou não pornografia. Nesse sentido, “Sou eu que possuo um julgamento e eu devo ter uma medida para assumir o risco de me questionarem sobre esse julgamento” (ABREU, 1996, p. 175)

Podemos listar três vertentes “morais” que a sociedade possui e, têm julgamentos diversos quando se trata de pornografia, são elas: os conservadores, os liberais e os libertinos. Ligadas a elas, está também, a corrente feminista que vem se tornando cada dia mais notória, estas, oscilam, entre serem, conservadores e liberais, contudo, nos dias atuais, são mais a primeira que, a segunda. Todavia, essas vertentes concordam que a pornografia, está ligada muito intimamente a várias representações. Na obra analisada, temos uma personagem descrita como feminista, Diana “muito orgulhosa e indômita” flertava com o perigo “odiava os ricos, as freiras, e tudo que tivesse cheiro de legalidade” por ter crescido em um orfanato “sabia que era vítima da sociedade” e almejava um dia se vingar.

Para os conservadores, geralmente ligados pelas leis cristãs, pornografia é uma ameaça para uma iminente decadência da sociedade e incita a violência. Os liberais defendem que não há violência, apenas imaginação (salvo, claro, os cuidados quanto ao não envolvimento de crianças). Para os libertinos, consumidores, muitas vezes assumidos, o que interessa é, apreciar a lascividade que há na excitação, desta forma, essa corrente é vista como radical.

## **2.1 Erotismo e Pornografia: Influencias no Feminismo**

No que tange a corrente feminista, a pornografia (e o erotismo), são maneiras de se auto afirmar, mostrando a sociedade que julgamento de valores, pelas atitudes sexuais, não terão importância, uma frase muito ouvida pelas seguidoras dessa vertente é “ Meu corpo, minhas regras”, ou seja, independente do que, se faz do corpo o que quer. Contudo, a linha

mais conservadora das feministas, defende que, na pornografia há um lado obscuro, antagonista e que, pode ter, de alguma forma, relação com abusos sexuais. Na sociedade patriarcal que vivemos, o uso de certos discursos feministas, reforçam a ideia da opressão que as mulheres ainda sofrem, neste sentido, a pornografia é vista como um poder abusivo, apontando, muitas vezes, os homens como agressores e, as mulheres como suas vítimas.

Mas, ainda no feminismo, existem linhas de pensamento em que, a pornografia pode ter um modo artístico e feminino de ser representada, neste sentido a mulher toma a forma de sujeito, dona das suas ações, podendo levar esse discurso também para o lado da igualdade, onde, podem, sem medo de abusos ou julgamentos, fazer sexo (como e quando quiserem) e consumir pornografia da mesma forma que os homens.

A pornografia, para além do desejo, da carga erótica que carrega, gerou muitos debates pertinentes em torno de moral, política, poder e saber. Abreu aborda o tema dizendo que

Esse deslocamento talvez seja um sinal de que alguma coisa foi superada, de que os (tradicionais) conceitos morais, padrões de comportamento e valores estético foram ultrapassados por outros ainda indefinidos. Ou será, a indefinição característica dessa “nova ordem”? Hoje, a própria pornografia pode ser o que se lhe atribui. (ABREU 1996, p.37)

No que diz respeito a imaginação e a fantasia, o erotismo e a pornografia caminham de mãos dadas, ambos são, personagens de grande relevância. Na realidade também estão presentes

O erotismo vive sua plenitude no domínio da fantasia e se realiza plenamente no terreno da ficção. O exagero pornográfico, por vezes, prenuncia o erótico, e talvez seja melhor compreendido se referido ao universo da imaginação, onde o excesso pode se constituir na essência de sua mensagem. (SONTAG, 1987, PG 62)

## 2.2 Um Passeio Literário Nas Entranhas da Obra Almodovariana

Falaremos mais a fundo, sobre a narrativa escrita pelo cineasta espanhol, Pedro Almodóvar, e sobre como o erotismo e a pornografia se apresentam, como suas várias faces estão intrínsecas em seus personagens e nas suas respectivas histórias, trata-se da obra “*Fogo nas entranhas*”. Sua primeira edição saiu em 2000. A história se passa na capital da Espanha, Madri, durante as décadas de 60 e 80. Seus capítulos são curtos e, no início da leitura, temos a impressão que são independentes, contudo, mais a frente, vemos que tudo está interligado.

A história narra parte da vida do chinês, Chu Ming Ho. Em 1950, ele muda-se para para a Espanha e lá, abre a fábrica de absorventes, Ming. Tudo se passa em Madri. Decepcionado com suas cinco amantes: Lupe, a hippie, Mara, a hipócrita, Raimunda, a

religiosa, Diana, a soberba e Katy, a intrometida. Todas têm traços marcantes de personalidade, cada uma delas, teve, em algum momento da vida, um relacionamento com base no sexo, com o chinês. E o término de cada relacionamento, foi, invariavelmente, ruim para Ming, sempre abandonado e/ou traído por elas. Enfurecido e frustrado com tantos abandonos de traições, Chu Ming Ho, decide vingar-se de suas ex mulheres e, por tabela, de todas as mulheres madrilenhas. Os personagens em geral, podem ser definidos como nonsenses.

Ming, pessoalmente, cria uma linha de absorventes com fórmula exclusiva, para ser usado todos os dias do mês. Como promoção de lançamento, ele, faz a distribuição gratuita em todas as drogarias da cidade e, igualmente gratuita, será a distribuição do produto para as mulheres da região, na primeira semana de seu lançamento. Após o uso do absorvente, as mulheres são tomadas por um fogo incontrolável em suas entranhas e passam a ter um desejo devastador e inexplicável de fazer sexo.

Através da leitura e da intimidade que o narrador nos passa acerca das personagens e de todos os eventos, temos a impressão que a história é narrada pelo próprio autor. Não há aqui, quase nenhum, dilema psicológico, todas as histórias são destinadas a terem um fim bem-humorado e com situações pitorescas.

Após a criação do absorvente, Ming, se suicida, e deixa toda sua fortuna para suas cinco ex amantes, mas há, claro, para que recebam tal herança, regras a seguir. O chinês determina que cada uma delas, faça uso, durante seu enterro, na presença de testemunhas, do produto criado por ele, caso haja recusa, aquele que não o fizer, está, terminantemente, excluída de seu testamento, assim, seguindo esses critérios, Raimunda, foi a única a não seguir os ritos impostos postumamente pelo chinês.

Conhecido como “o cineasta de alma feminina”, suas personagens desse núcleo, têm presenças marcantes. Com vários traços cinematográficos, a narrativa espanhola tem saídas extraordinárias para algumas situações inesperadas, por exemplo, personagens sem nenhuma simpatia, têm finais ou trágicos demais, ou cômicos demais, ou, muitas vezes, as duas situações concomitantemente. Como exemplo, temos o caso de Isidra, uma mulher de 70 anos, virgem e enganadora de si mesmo, sem nenhuma necessidade, usa um dos absorventes envenenados e, de uma hora para outra, torna-se uma mulher devassa, ninfomaníaca e que, acometida de toda loucura causada pelo fogo em suas entranhas, chega a abusar sexualmente do próprio patrão, Roque. Essa passagem é contada em um capítulo dedicada à ela, “ Isidra perde o cabaço”.

Há no absorvente, como já foi dito, um veneno, este, leva as mulheres, até as mais recatadas a um estado lascivo. Elas ficam loucas por sexo e o querem a todo momento, os homens, objetos de desejo, servem ao propósito delas, contudo, são acometidos com uma doença que depois de um breve tempo, os mata. Com o decorrer da narrativa, tendo os homens (alguns) consciência do que está acontecendo, tentam se proteger da fúria sexual das mulheres, a partir daí, está aberta, a temporada de caça aos homens.

Raimunda, a única a não ceder aos planos de Ming, logo percebe o problema e vai em busca da solução. A situação chega, em muitos momentos, ao caos. As mulheres, para terem o que desejam, pegam em armas, capturam homens, usam a própria fábrica de Ming, para mantê-los em cárcere, fazendo sexo com eles enquanto servem ou até que sucumbam a doença.

A descrição das cenas e seus grandes apelos visuais, poderiam, facilmente, ser adaptadas para o cinema ou televisão. Durante toda narrativa, os personagens sofrem drásticas alterações de humor. A narrativa tem um apelo erótico e pornográfico palpáveis.

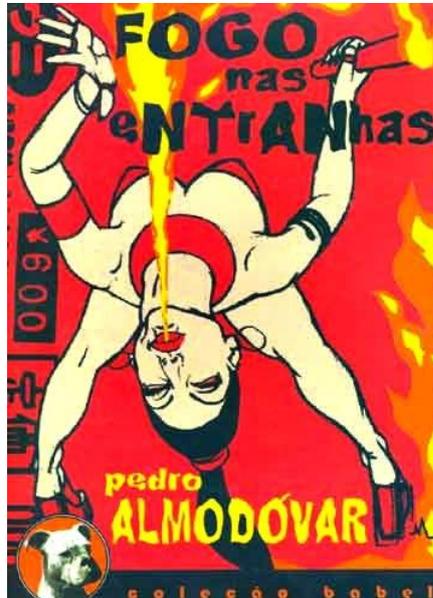
Assim são, as obras de Pedro Almodóvar, tanto literárias, quanto, cinematográficas. O leitor é levado a mergulhar no universo e motivações de suas personagens, estas, por mais esdrúxulas que se mostrem muitas vezes, em algumas situações (controversas), ainda assim, são representadas de forma humanística profunda.

Conhecido como o “diretor das mulheres”, Almodóvar emprega em suas “personagens femininas ou de alma feminina” - muitas vezes transgêneros, personagens muito presentes nas suas obras, personalidades fortes, que estão sempre á procura de se entender, resolver seus conflitos internos/externos, na maioria das vezes, envoltas por dramas particulares que são suavizados pela comicidade. “*Fogo nas entranhas*” (2000) tem essas mesmas características, para, vamos nos basear na fala de Melo (1996), ele diz:

Apontado como ‘um diretor de mulheres’, Almodóvar é responsável por deixar à beira de um ataque de nervos também os homens. O diretor [...] caracteriza seus personagens como vítimas da paixão e acredita que as pessoas, amorosamente feridas, reagem de forma ativa às dificuldades da vida. Entretanto, as personagens femininas, mais que as masculinas, são as melhores representantes dessa ‘volta por cima’, pois como sujeito dramático suas reações são mais ricas do que as dos homens. (MELO, 1996, p. 235) COMENTE UM POUCO

A linguagem em “*Fogo nas entranhas*” se apresenta com as cores fortes, e quentes. Veja que a mulher com chamas saindo de suas entranhas na capa dessa edição da Dantes Editora, 2000, da Coleção Babel. Como observamos na figura abaixo, por si só, já tem um apelo erótico. As cores não foram escolhidas aleatoriamente, o vermelho, tons de amarelo,

laranja e preto, são cores que remetem, dependendo do contexto, ao proibido, ao sexo, a intimidade e ao movimento erótico.



No capítulo “O problema da idade”, por exemplo, fala de uma família de quatro mulheres, e nesse contexto, homens são personagens aquém desse núcleo. Assim, são descritas

Quatro mulheres:

Eulália, sofredora impenitente. Fazia um esforço danado para que todos os problemas do universo fossem seus. Vivia entregue de corpo e alma à crise provocada pelo fato de ter cumprido 43 anos. [...] Flor. Uma moça a ponto de ter um passado turbulento. Isidra. Anciã de 70 anos. Mestra na arte de enganar-se a si própria. E Raimunda, sua sobrinha-neta. Nômade sem vocação nômade. Explorando o Amor, no qual esperava encontrar o tesouro do equilíbrio, da segurança e de certa animação. Seu sentido de luta, e uma insensatez insana, davam a ela um toque de graciosa mediocridade, imprópria de uma heroína. (ALMODÓVAR 2000, p.15,16)

As mulheres da história são, dentro de cada núcleo, suas protagonistas, sujeitos de suas histórias, e cada acontecimento foi baseado em atitudes tomadas por elas. Trata-se de um grupo de mulheres transgressoras, assim como é o erotismo. E a motivação para o ato de vingança do sentimental Ming, deu-se a partir das transgressões delas, em seus relacionamentos com ele. Ao arquitetar o plano e antes de tirar a própria vida, no dia do casamento de Raimunda, o chinês inicia sua vingança com um telegrama enviado a ela, tornando-se assim, o vilão póstumo da história. Na ocasião ele escreve: “você queria que eu desaparecesse da sua vida. Pois consegui. Quando estiver recebendo este telegrama, já terei me matado. É o meu presente de casamento. Chu Ming Ho” (ALMODÓVAR, 2000, p.48).

A obra “Fogo nas entranhas” é um texto curto, linear, e não há exageros no que tange a complexidade dos diálogos. A obra tem um viés erótico, na maioria das vezes pornográfico, seus personagens são descarados e tem um apelo fortíssimo ao humor ácido. Os textos ficcionais de Pedro Almodóvar, muito naturalistas, têm traços biográficos e de reportagem românticos. Deste modo, os vários estilos encontrados nos textos de Almodóvar, principalmente o neonaturalista, são reforçados por Flora Sussekind quando diz que

Dizer o que a censura impedia o jornal de dizer, fazendo em livro as reportagens proibidas nos meios de comunicação de massa: a reproduzir ficcionalmente identidade lá onde dominam as cisões, criando uma utopia de nação e outra de sujeito, capazes de atenuar a experiência cotidiana da divisão social, da contradição e da fratura. (SUSSEKIND, 1984, p.98)

O erotismo e, posteriormente a pornografia vem tomando espaço nas mídias, sejam elas impressas ou televisivas, em uma crônica para o Caderno B (Do Jornal do Brasil), Eugênio Bucci, fala sobre esse “desabrochar” e afirma que

A pornografia quer deixar a alcova, já não se contenta com sua existência clandestina, mas quer passar à luz do dia. Ela dá mais um passo para sair do gueto. Como discurso, ela parece buscar reconhecimento e aceitação no espaço público-mais ou menos como o movimento gay busca legitimar-se como opção. Haverá um lugar ao sol para os pornógrafos? Ou eles sempre serão marginais e marginalizados? Assim como hoje existe diretora de revista de arte notoriamente, poderá haver no futuro um ministro libertino? Será, enfim, que dentro de algum tempo, ser libertino praticamente declarado, assim como Catherine M. diz que é, será algo tão corriqueiro como ser homossexual assumido? (BUCCI, 19/07/2001, Caderno B, Jornal do Brasil)

Tomando como base a fala de Rodrigo da Costa Araújo em seu ensaio “Narrativa nas entranhas: Diálogos entre Literatura e Cinema em Almodóvar”, no que tange a literatura almodovariana,

Os atos escabrosos, os desejos incontroláveis, uma escrita luminosa no estilo espetáculo ou foto de manchete que as narrativas almodovarianas representam em suas cenas. E é, portanto, sob o signo da afirmação da ficcionalidade, das transgressões temáticas, dos laços com a sua literatura, do texto reflexivo, de uma linguagem elíptica e de humor afiado que Almodóvar constrói sua poética do desejo. Tudo percorre o veludo do corpo, a perseguição da cor vermelha, os jogos de olhares, a sonoridade, os cenários atraentes e carregados de tensão ou outros recursos, tudo de alguma forma, contribui para construção de uma narrativa de afetos. (ARAUJO, 2010, p.101)

Não poderíamos deixar de abordar essas várias faces que as personagens femininas de Almodóvar têm, elas são o foco principal em suas narrativas, e como não poderia deixar de ser, as protagonistas de “*Fogo nas entranhas*”(2000) são mulheres vaidosas, frígidas, loucas, mal-amadas, divertidas, normais, excitadas e mais que tudo, incendiadas. Suas atitudes são

muitas vezes polêmicas e transgressoras. Em seu testamento, no capítulo 13, intitulado “O testamento”, Ming dá ao leitor sua própria percepção sobre as mulheres

trabalhei a minha vida inteira com e para as mulheres, e nunca cheguei a conhecê-las. Só descobri uma coisa: louras, morenas, ruivas, altas ou baixas, todas são iguais. Umas vadias. Ainda assim, reconheço que devo meus melhores momentos a elas- e os piores também. Mas não me arrependo de nada. Dediquei todos os dias da minha existência a esse milagre que elas guardam no meio das pernas, uma coisa tão delicada que justifica todos os meus esforços.[...] Deixo minha indústria para aquelas que foram minhas principais amantes, ou seja: Diana, a orgulhosa; Mara, a cínica; Katy, a abelhuda; Lupe, a hippie; e Raimunda, a freira. (ALMODÓVAR, 2000, p.56)

Ao analisar o erótico em obras como essa nos pomos de frente ao conflito com a questão da sexualidade, ainda muito censurada pela sociedade. Para Foucault, “o dispositivo da sexualidade engloba discursos, instituições, decisões regulamentadas, leis pelas quais os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos.” Dessa forma nenhum discurso, por mais libertário que possa ser, está aquém da sexualidade para o filósofo.

No segundo capítulo “O problema da idade”, o autor nos apresenta as mulheres de uma família, cada uma com suas particularidades. Na passagem que veremos a seguir, observamos a anciã da família, Isidra, falando dos seus dotes femininos, mesmo expondo um desejo de ser cobiçada, ela ainda usa um falso moralismo -para explicar que é desejada, mas por ser conservadora, não sucumbe aos desejos que supõe os homens terem por ela.

Desde meus cinco anos os homens me perseguem\_ dizia a anciã à sobrinha-neta\_ Mas, o que você quer que eu faça? Não adianta, eu não me acostumo. Nesse ponto, continuo sendo antiquada. Sorte de dona Eulália. Porque se você visse o jeito do jeito do patrão olhar aqui, aqui e aqui...- e apontou a própria bunda, as próprias tetas e o vão das pernas. Dia desses, no elevador, o filho do Ortega esfregou a braguilha nas minhas coxas, fingindo que tinha sido um esbarrão.... Não vejo a hora de fazer 100 anos, para ver se homens me deixam em paz. (ALMODÓVAR, 2000, p.17/18)

Na mesma linha moralista, está Eulália, a esposa, ‘sofredora impenitente’, ao contrário de Isidra que com setenta anos, se acha jovem e atraente, Eulália, com seus 43 anos de vida, sente que está no mundo para cumprir desígnios divinos, e quando o marido a procura para o sexo, ela acha que ele o faz, por misericórdia. Vemos na fala da personagem toda sua apatia a vida e ao sexo, quando Roque, seu marido a chama para o quarto, visivelmente excitado.

Roque chegou até onde estava sua mulher e abraçou-a, meloso, pela cintura. Eulália afastou-se, arisca.

\_Chega aqui, vamos para o quarto\_ disse o marido todo insinuante.

\_Você só está falando isso de pura misericórdia...

[...] Prefiro encarar a realidade. Não quero ficar feito Izidra. Estou velha, sou velha. É natural: não tenho 20 anos. O que dói é ver você, só por piedade, querer me convencer do contrário.

“Mas Eulália, eu não estou mentindo! Isso aqui não mente! E Roque agarrou o pacote erguido no meio das pernas.” (Almodóvar, 2000, p.19/20)

Nesses casos vemos o que a herança do cristianismo deixou como orientação, as mulheres, vistas como mães, principalmente as mais velhas, têm de conter seus impulsos sexuais, já os homens, estão livres dessa lei. No que tange a moral e a regra imposta pelos interditos religiosos, a mulher deve guardar sua virgindade para o casamento, e após, deve permanecer pura, pois o sexo nesse contexto, tem um único objetivo, procriar.

Concerne a moça, filha do casal, Flor, ser uma metáfora com seu nome. Vemos a jovem acenar para vários rapazes na rua e se gabar por ter tantos, e cada dia mais admiradores. Como seu nome sugere, podemos notar, que o anseio da jovem é ser deflorada, como uma flor.

Raimunda, na visão conservadora da sociedade é a personagem mais sensata desse núcleo, tem anseios pelo amor romântico, aquele amor padrão, que traz conforto e equilíbrio. Essa personagem é umas das ex amantes do chinês, Ming, e responsável por solucionar seu plano de vingança.

Apesar desses anseios por casamento e uma vida tranquila, Raimunda não se deixa submeter aos abusos masculinos, nem do Chinês, em suas excêntricas exigências para que ela possa receber sua herança, nem do patrão de sua tia, Roque, que em um lampejo de desejo, a abusa sexualmente, amparado por uma mentalidade machista, na qual a mulher tem que ser submissa ao homem, ele avança sobre ela sem permissão e toma a atitude de um predador e quanto mais é empurrado e esbofeteado, mais a encurrala, chegando a mostrar seu membro e gozar em seu vestido. A cena acontece em um elevador velho de madeira, e quanto mais o leitor avança na leitura, mais há a sensação de claustrofobia e angústia, a mesmo sentimento que acompanha a personagem nesse momento.

Deixando esse núcleo familiar, focaremos agora no causador de todo caos passado por mulheres e homens de Madri, durante alguns dias. Todas as frustrações causadas pela paixão e a falta desta, as traições sofridas pelo chinês, podem o ter levado a tomar decisões motivados pelo desejo, pelo seu anseio de ser amado e logo após ser rejeitado, passa a ter anseios pela destruição, e diferente da ideia que, num sacrifício erótico a vítima é feminina e o carrasco é masculino, podemos observar que Ming, se sente como sendo as duas coisas. E mesmo sabendo que já estará morto ao desenrolar de sua vingança se excita com ideia do que ela causará. Vendo por esse lado, na literatura de Sade, para o autor

O fato de, em seus romances, o marquês de Sade, ver no assassinio o ápice da excitação erótica tem somente este sentido: que levando as últimas consequências[...] Há na passagem da atitude normal ao desejo uma fascinação fundamental da morte. O que está em jogo no erotismo é sempre uma dissolução das formas constituídas. (BATAILLE 1987, p.14)

No limiar, a paixão dos amantes prorroga no âmbito da simpatia moralista a mescla dos corpos entre si. A paixão prolonga ou é introdução do ato erótico. Aos que sentem a paixão, ela pode ter um intento mais violento do que apenas o desejo dos corpos. A paixão, a priori, apesar das expectativas de felicidade que a seguem, insere de início caos e desordem. A paixão afortunada provoca conflitos violentos, que a felicidade intrínseca, antes de ser apenas isso, felicidade e gozo, pode ser seu oposto, o sofrimento. Tais sofrimentos e decepções, são os dispositivos que levam o chinês, Ming, a tomar decisões cruéis. Nas palavras de Bataille

As chances de sofrer são tão grandes que só o sofrimento revela a inteira significação do ser amado. A posse do ser amado não significa a morte: ao contrário, a sua busca implica a morte. Se o amante não pode possuir o ser amado, algumas vezes pensa em matá-lo: muitas vezes ele preferiria matar a perdê-lo. Ele deseja em outros casos sua própria morte. O que está em jogo nessa fúria é o sentimento de uma continuidade possível percebida no ser amado[...] Se a união dos dois amantes é o efeito da paixão, ela invoca a morte, o desejo de matar ou o suicídio. O que caracteriza a paixão é um halo de morte” (BATAILLE, 1987, p.15)

Essas explicações fundadas na teoria de Bataille, esclarecem as atitudes do chinês, quando sofreu as traições e os abandonos de suas amantes. Ele infringiu as mulheres uma animalidade pré-histórica, o desejo do sexo, sem nenhuma consciência de certo e errado, sem limites, sem tabus. E o prazer sexual que leva a morte, é um dos principais temas dessa obra, suas personagens femininas, tratam os homens como objetos de quem suprem seu furor sexual, os matam ou, os mantêm em cárcere mesmo sabendo que morrerão. Almodóvar evidencia e desmascara em suas personagens os instintos sexuais mais primitivos.

O corpo é explorado em todas as suas possibilidades, principalmente, a sexualidade de alguns personagens e suas divergências psíquicas, todos esses fundamentos, internos e externos, psicológicos e sociais, juntos na construção do homem. O autor conduz o leitor a mergulhar nas motivações e comportamentos apontados como marginais pela sociedade e nos dá margem a uma ótica humanística e complexa. O texto trata o tema da sexualidade, pornografia e erotismo livre de preconceitos, o que amplia nossa tolerância até quando as circunstâncias exponham o que a moral conservadora considera como desvios, aberrações e loucuras, visto que, o erotismo não é um tema fácil de ser abordado e suas implicações não são apenas convencionais, ele é delineado pelo secreto e “normalmente” não pode ser público,

diferente da obra de “*Fogo nas entranhas*” onde são expostas cenas que chegam a ser surreais do ponto de vista conservador.

As duas vizinhas pegaram os dois homens pelo braço e fora na direção da rua Valverde. Chegaram a um inferninho, de onde Mara, Katy, Diana e Lupe estavam saindo com vários homens. [...] Dois empregados da limpeza pública regavam a rua. Feito uma menininha, Mara aproximou-se do jorro da mangueira, levantou o vestido, abriu as pernas e, entre gritos de gozo, preparou-se para receber o forte jorro de água na xoxota. O homem da mangueira gostou da brincadeira e fazia movimentos como se estivesse fodendo a moça com aquele jorro descomunal. As outras ficaram com inveja e imediatamente se juntaram a Mara. O empregado municipal colaborava do jeito que podia, regando umas e outras em suas bocetinhas palpitantes. Era uma cena bonita e estimulante. Aquele homem, com certeza, não falaria de outra coisa ao longo dos dias seguintes. (ALMODÓVAR, 2000 p. 73)

A luxúria é uma máxima na obra, o erótico e o pornográfico fazem bem os seus papéis de protagonistas e são contrastes com a realidade que conhecemos, há o constante desequilíbrio e exagero da sexualidade, sobre isso Susan Sontag diz que

O erotismo vive sua plenitude no domínio da fantasia e se realiza plenamente no terreno da ficção. O exagero pornográfico, por vezes, prenuncia o erótico, talvez seja melhor compreendido se referido ao universo da imaginação, onde o excesso pode se constituir na essência da sua mensagem. (SONTAG, 1987, p.62)

A escritora aponta algumas concepções que estão ligadas intimamente a pornografia-imaginação capacidade de representar imagens, fantasiar algo”); fantasia (“excentricidade, devaneio, algo criado pela imaginação, capricho”) e ficção (“simulação, invenção, fingimento, fantasia, algo imaginário. Podemos perceber que a linhas que separa esses conceitos são tênues, elas se cruzam e, nas manifestações eróticas- pornográficas, desejo e fantasia, cedem espaço para o obsceno. Para Sotang

o obsceno é uma convenção, a ficção imposta sobre a natureza por uma sociedade convicta de que há algo de vil nas funções sexuais e por extensão no prazer sexual [...] o obsceno é uma noção primal do conhecimento humano, algo de muito mais profundo que a repercussão de uma aversão doentia da sociedade ao corpo. [...] Por mais doméstica que possa ser, a sexualidade permanece como uma das forças demoníacas na consciência do homem[...] (SATONG, 1987, p.61)

Como apresentado em “*Fogo nas entranhas*”, esse obsceno é associado aos desejos maléficos do Chinês, em criar o caos em Madri, enlouquecendo mulheres (que fizeram ou não, parte de sua história) e fazendo os homens sucumbirem. Essa obscenidade que vem do lado obscuro da mente atua e sexualiza a realidade, erotizando com a imaginação intensificada, seja qual for a representação do mundo. Essa fantasia que nasce da pornografia toma corpo na ficção e é, de forma extrema, a infundável e alucinada busca do desejo. No que

tange a definição da pornografia, é preciso levar em conta a atração pelo flerte com a transgressão. Conforme desejava o Marquês de Sade, “o único modo de prolongar e multiplicar os nossos desejos é impondo-lhes limites”.

### 2.3 Prazer e Proibição

O prazer é revelado e intensificado por esse sentimento da transgressão que está ligado de forma íntima à proibição. Sendo assim, a evidenciação do obsceno seria a celebração do prazer, que, ao ser limitado pelas interdições, liberta-se como transgressão. O erotismo, em seu âmago, pressupõe que os limites sejam ultrapassados, a mescla da vertigem, o prazer sendo transbordado, o êxtase, o excesso, turvam a visão sobre as fronteiras que delimitam as diferenças entre o que é humano e animal. Na obra, os absorventes Ming, causam nas mulheres um ímpeto sexual fora do comum e, em algumas passagens, esse êxtase faz com que elas quebrem todas as regras que regem suas vidas e são impostas pela sociedade conservadora, a exemplo disso, no capítulo “Isidra perde o cabaço” observamos essa quebra de conduta da personagem

Isidra levou o café da manhã para o patrão. Levantou a persiana da janela. Roque continuava dormindo; mas sua pica, não. A cueca mostrava, às claras, uma intensíssima ereção. Os olhinhos da anciã lançaram chispas. Livrou-se da cinta que oprimia seu ventre e baixou a cueca do homem. Roque continuava dormindo, provavelmente sonhando que trepava com uma deusa. Isidra nunca tinha visto um cacete. A descoberta deixou-a fora de si, nem pensou na sua honra, zelosamente guardada ao longo de 70 anos. Escancarou-se em cima dele, decidida a entregar seu tesouro, mas não era fácil: ela não tinha nenhuma técnica. Os longos anos de abstinência haviam lacrado suas portas de prazer. (ALMODÓVAR, 2000, P.75)

Hoje podemos ver o obsceno mais livremente, pois ele está em toda parte. Nesses contextos somos espectadores neutros ou devassos, estúpidos, regulares, sagazes ou amadores, a favor ou contra. Essas representações erotizadas, sejam elas via TV, literatura, fotos, propagandas, cinema; estão presentes no cotidiano, sendo o homem livre para consumi-la ou não. Podemos afirmar que ambos, erotismo e pornografia, tem o ser humano, caráter libertador, neles, os tabus são quebrados, as vontades e desejos podem vir a tona, a satisfação pessoal e íntima é um prêmio, um gozo sublime a que todos têm direito, as amarras que ao serem desatadas, libertam desejos as vezes reprimidos e muitas vezes postos como proibidos, prazer é libertação, proibição é ponto de vista, o homem tem livre arbítrio para fazer as escolhas que lhe apeteçam, deste modo vemos uma sociedade de representações e expressões erotizadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo do erotismo e pornográfico vem se modificando, cada vez mais cresce, se mostra e indaga a si mesmo. Os valores e conceitos são excepcionalmente metamorfoseados e degradados pelo social- em constante mudança, por políticas intrinsecamente ligadas a economia e a cultura.

Obscena, indecorosa, lasciva, libertina é a pornografia e o erótico que compõem a obra por nós analisada, porém, não podemos nos abster de dizer a quão pitoresca, singular e realista é. Esse gênero está vigente no nosso dia a dia, se faz presente nas artes gráficas, na literatura, no cinema, enfim, em todos os lugares possíveis.

Inicialmente, buscamos uma abordagem mais clássica sobre o tema, vimos como o erotismo atravessou as épocas, quebrou tabus e influenciou nas artes, e foi transgressora numa sociedade conservadora, coexistindo em meio as regras impostas por ela. Hoje, na pornografia, temos acesso as variantes desse erotismo, que como a primeira, é transgressora. Em face de toda essa discussão, chegamos que a conclusão que o erotismo tem no mínimo três traços claros: se origina da imaginação e criatividade, não apresenta limites precisos e é sexual. Resumidamente, entendemos o erotismo como um jogo de possibilidades criativas.

O modo como encaramos esses temas, publicamente ou não, é quem suscitará o erótico e o pornográfico como algo normal, legítimo e acessível, ou como alguma coisa que só pode ser desfrutada a portas cerradas como se estivéssemos infringindo normas. Pedro Almodóvar, quebrou regras, criou seu próprio estilo, o estilo almodovariano, com uma literatura realista, as vezes com situações pouco plausíveis, mudando nossa visão estética, no que tange compreender o erotismo e sua cria, a pornografia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Nuno César. *O olhar pornô*. Rio de Janeiro: Mercado das Letras, 1996.
- ALMODÓVAR, Pedro. *Fogo nas entranhas*. Tradução Eric Nepomuceno. Coleção Babel. Editora Dantes. Rio de Janeiro. 2000.
- ARAÚJO, Rodrigo da Costa. **Narrativa nas entranhas: Diálogos entre Literatura e Cinema em Almodóvar**. Revista Semioses. Rio de Janeiro. Vol. 01. Nº. 06. Fevereiro. de 2010.
- ABREU, Nuno César. *O olhar pornô*. Rio de Janeiro: Mercado das Letras, 1996.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A. 1987.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. volume 1. A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas. Tradução de José Otávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- HUNT, Lynn - Organização. *A invenção da pornografia*. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999.
- PAZ, Otávio. *A dupla chama*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- SONTAG, Susan. *A imaginação pornográfica IN A vontade radical*. Rio de Janeiro: Cia. Das Letras, 1987.
- SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados*. Moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.